



CPI DOS CORREIOS: UMA LEITURA DAS CAPAS DE “VEJA” E “ISTO É”

José Quintana Júnior

(Acadêmico do Curso Comunicação Social

– Jornalismo da Unifra)

Resumo

A mídia ocupa um papel central nas relações entre os campos sociais na atualidade. Pela importância que a mídia tem nessas relações, procurou-se analisar o papel de duas mídias, na cobertura de uma crise política, que resultou em diversas acusações, cassações e polêmicas, que foi a CPI dos Correios. Através de algumas teorias e técnicas de análise da comunicação, como agendamento, midiaticização, campos sociais, análise do discurso, buscou-se analisar as estratégias discursivas das revistas Veja e Isto É, na cobertura do evento. Enquanto Veja anuncia o possível impeachment a vista e a crise do partido do governo, a Isto É não elege culpados e prefere trazer ao debate temas que estão ligados diretamente e indiretamente a CPI. Um resultado de um grande caso de corrupção no Brasil, e duas coberturas com enfoques totalmente diferentes.

Palavras-Chaves: CPI(Comissão Parlamentar de Inquérito), Mensalão, midiaticização

Introdução

Desde o poder consolidado da mídia, atrelado aos momentos políticos, que vem sendo estudadas formas de agendamento em diversos casos, bem como as suas conseqüências. Em 14 de maio de 2005, a Revista Veja denuncia, através de uma fita de vídeo, um suposto esquema de suborno, envolvendo os Correios. Nela, o ex-diretor do Departamento de Contratação e Administração de Material dos Correios, Maurício Marinho, detalha a dois empresários um esquema de pagamento de propina, supostamente conduzido pelo presidente do PTB e deputado federal, Roberto Jefferson



(RJ), e outro diretor da empresa, Antônio Osório Batista. Isso desencadeou uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), no dia 27 de maio, contra a vontade do Governo.

No mês seguinte, Jefferson acabaria por denunciar o suposto esquema apelidado de “mensalão”, que seria uma espécie de salário extra, para deputados e senadores aprovarem projetos do governo federal. A CPI dos Correios é um escândalo da política brasileira e representa uma suposta mudança tanto em relação à postura dos políticos quanto à postura dos eleitores e/ou cidadãos.

O primeiro impacto das denúncias de Jefferson foi o afastamento do ministro chefe da Casa Civil, José Dirceu, considerado um dos homens mais fortes do governo petista. Em julho, o empresário Marcos Valério, acusado por Jefferson de envolvimento no mensalão, é alvo de denúncias e provoca queda da executiva do PT e do presidente da sigla, José Genuíno.

A Revista Veja foi o primeiro veículo de comunicação do país a denunciar o esquema de corrupção. A cobertura do periódico foi fundamental para criação da CPI dos Correios. Na metade de junho, a Revista “Isto É” estreava na cobertura, rivalizando com Veja nos passos da cobertura do processo.

A pesquisa analisa as construções discursivas através, especialmente, de textos, mas também de imagens como forma de apoio e complemento, das capas dos periódicos dos trabalhos da CPI, de maio de 2005 a março 2006.

Na pesquisa, são analisadas as capas entre as edições de maio de 2005 a março de 2006 que tematizaram a CPI dos Correios, de forma simultânea entre as duas mídias. Como a “Isto É” publicou este tema até agosto, mesmo a “Veja” tendo publicado quase o dobro de edições sobre o tema, a análise é comparativa, portanto, se faz necessário acompanhar e analisar somente quando as revistas tematizam a CPI no mesmo tempo, neste caso, até agosto de 2005.

Os elementos que são analisados na capa compreendem os títulos e subtítulos. As imagens, pelo fato de muitas capas passarem o seu tema através de algumas fotos, infografias, caricaturas ou ilustrações, são analisadas de forma mais descritiva, uma vez que o principal foco da pesquisa é a interpretação do texto.

A denúncia

Anterior à edição da denúncia do esquema de corrupção, denominado ‘Mensalão’, a Revista “Veja” trouxe como tema central em sua capa o título “*Corruptos - Estamos perdendo a Guerra contra essa praga*” (25 de maio de 2005).

Nesta edição, a imagem de um político, culminando com a riqueza, poder e ao mesmo tempo, ligado a figura de um rato, como perfil de seu rosto. O modo de construção da

capa retrata uma doença, ou uma praga: a corrupção por parte dos políticos. Essa edição pode ser considerada uma prévia do que seriam os principais temas das duas revistas, por um longo período.

Na edição de 01 de junho, *Veja* publica “*O homem-bomba – Se for incriminado pela Cpi dos Correios, Jefferson ameaça levar junto Dirceu, Silvio e Delúbio do PT*”, trazendo como centro da capa o personagem Roberto Jefferson e denunciando o esquema de corrupção (01/06/06). Nesta edição, o denunciamento é realizado pela “*Veja*”, ou seja, neste momento, torna-se a mídia um ser investigativo, e também revelador de novos temas, que alimentam como provas, ou argumentos pautados nas defesas de acusados, nos relatórios da CPI.

A edição trata o depoimento do personagem em questão, como fonte segura, o nomeando de “*Homem Bomba*”, ou seja, alguém que conhece muitos assuntos que podem comprometer colegas, afirmando que a corrupção é muito grande no país, a ponto de dizer, que levaria consigo, diversos deputados e líderes ligados ao Partido dos Trabalhadores, partido que representava o governo em gestão durante a CPI dos Correios.

A única imagem da capa desta edição é uma foto de Roberto Jefferson que representa um homem prestes a abrir a boca, ou seja, falar o que sabe; o que poderia culminar numa crise nacional.

Na edição seguinte, “*Amazônia à venda – Petistas presos aceitavam propina de madeiras que devastavam a floresta*” (08/06/05), a revista traz à tona mais um caso de corrupção. A construção da capa remete à imagem de uma Amazônia sendo devastada, cortada por uma enorme lâmina que traz o dizer “*Corrupção*”, que seria a divulgação de um grande esquema de propina, somados à destruição da mata, devido a um esquema de pagamento a petistas, que estaria facilitando a exploração da floresta. Ainda nesta edição, a capa traz a chamada secundária da confirmação da ‘mesada’ feita aos políticos, no esquema investigado.

Por trás dessas imagens e dizeres, há a representação da bandeira nacional, estampada, como se estivesse ligada a este esquema, e, ao mesmo tempo, há remissão a uma pátria sendo atingida e dividida por esses fatos que a revista tematiza.

A partir da quarta edição da *Veja*, sucessiva a declaração de Jefferson, a *Revista Isto É* entra no tema da divulgação da CPI. Em sua primeira edição, ela traz o título: “*A Esperança Encurralada*” (15/06/05), trazendo uma fotografia do presidente Lula cabisbaixo, numa mistura de vergonha com abatimento.

A mensagem esperança faz menção ao slogan de campanha de Lula, na qual ele se dizia a esperança do país, assim como na sua vitória, ele declara que a esperança venceu o medo. Neste jogo de imagens, a *Isto É* traz o tema com a cor do partido de fundo, tornando questionável a hipótese ou levantando suspeita, quanto à integridade do PT,

mas também até que ponto o presidente seria 100% inocente, uma vez que o cerco estava se fechando.

Na edição da Revista Veja, da mesma semana que a sua concorrente entrou na cobertura da polêmica declaração de Jefferson, ela aborda o seguinte título “*Quem mais?- Com uma CPI instalada e outra a caminho, a pergunta é qual será o rosto no próximo escândalo*” (15/06/05). A imagem que aparece na capa é do ex-tesoureiro do PT, Delúbio Soares, como a figura do momento, ou a carta da vez, estando sobreposta a sua imagem, outras várias cartas, que sugeririam a pergunta da capa. Ainda, nesta mesma montagem, há a figura de uma carta saindo de cena, com a imagem de Roberto Jefferson, fazendo um acompanhamento de personagens desde o surgimento da denúncia. Da mesma forma que Isto É, a Veja traz de fundo, as cores do PT, enfatizando que a crise política, estava interligada principalmente ao partido do governo.

Mas são nas próximas edições que começam a aparecer os diferentes modos de nomear, mostrar e definir o posicionamento editorial das duas revistas, nas manchetes e nas montagens de suas capas.

Na edição posterior, a revista Isto É publica a manchete: “*Agora é Guerra*”(22/06/05) , com a imagem de José Dirceu com duas luvas de boxe, o que remete ao fato de que espera o começo da luta direta, com os seguintes títulos abaixo do principal: “ José Dirceu volta ao Congresso para liderar tropa de Choque governista; Lula faz reforma ministerial para atenuar crise política; Documentos apontam: deputado Janene enriqueceu com mensalão; Envolvidos confirmam as declarações da secretária de Marcos Valério a Istoé Dinheiro”.

De certa forma, a capa traz a confirmação da CPI, ou melhor, do ‘Mensalão’, mas dá ênfase à batalha em que o governo entra para conseguir fugir da crise e, ao mesmo tempo, sem comprometer a sua imagem. A Istoé não condena Dirceu, apenas o declara pronto para o confronto.

Em relação à Veja, o título da semana comitente foi “*Tem Conserto? – Com a demissão de José Dirceu, Lula tenta salvar seu governo e sua biografia*” (22/06/05). A imagem é a de uma estátua de Lula em ruínas, como se a sua força ou imagem estaria sendo derrubada com a crise. Além desta figura, o fundo da montagem é sombrio, dando ares de que, de fato, a ruína está apenas começando.

Em relação as duas capas da mesma semana, nota-se que enquanto Isto É traz Dirceu pronto para o confronto, Veja mostra que a demissão de Dirceu está desmoronando o governo.

Começa a se tornar evidente que, apesar do fato de a demissão do ex-ministro José Dirceu ter sido abordada pelas duas mídias, a linha de abordagem e de percepção no acompanhamento da CPI e da crise política são diferentes.



Essa diferença mostra-se mais evidente na semana seguinte. Na edição da Istoé, o título é: *“Exclusivo- A Rota do Mensalão- Depois das Denúncias de Roberto Jefferson e do testemunho da secretária Karina, documento em poder do Ministério Público mostra os saques milionários, em dinheiro, feitos no Banco Rural”*(29/06/05).

O modo de construção dessa edição representa que, apesar da denúncia ter sido publicada na Veja, a Isto É, de forma exclusiva, afirma saber toda a rota do dinheiro utilizado no escândalo.

Já a Revista Veja traz uma capa ilustrada com o brasão federal modificado graficamente e linguisticamente, com o título: *“O Grande Erro - Confundir o Partido com o Governo”*(29/06/05). No brasão, os dizeres são “República Federativa do Zé”, fazendo menção a José Dirceu, e com a data do início do governo Lula, além do logotipo do PT, ao invés do emblema federal. A revista, neste momento, assume um papel de quem não só investiga, mas também julga e sentencia os fatos ocorridos, através de capas expressivas e com tomadas de posição claras.

Nesta edição, a Veja transparece uma linha mais incisiva, comparada à forma que começou o seu processo durante a CPI. Anteriormente, os títulos eram escritos como suposições, mas com a entrada da cobertura da Istoé, Veja começa a ser mais contundente nos seus enunciados, afirmando que, além de Dirceu estar por trás da corrupção, seria também o responsável por governar o país, ao invés de Lula.

Desta forma, fica claro que, no primeiro mês após a Denúncia de Jefferson, a forma que as mídias agendaram o tema CPI já foi bastante divergente.

Segundo Traquina (2001), a influência da agenda da mídia sobre a agenda pública é direta e imediata, principalmente, quando envolve questões que o público não tem uma experiência direta. Nesse aspecto, o meio político, ciente da importância de participar da agenda midiática, esforça-se para “criar fatos novos”, visando melhorar sua imagem perante a opinião pública.

Da mesma forma, a mídia impressa influenciou diretamente outras mídias, assim como o campo político, uma vez que a Veja publica a denúncia, vira fonte de acusações ou de defesa, nos argumentos e relatórios da CPI dos Correios, mas também é acompanhada na cobertura e investigações da crise, por outras mídias, inclusive a sua concorrente Isto É.

Conforme Verón (1997) é importante estudar os modos de funcionamento da mídia e suas estratégias de produção de sentidos frente os mecanismos e instituições sociais. Em relação a CPI, a mídia influencia as investigações e depoimentos, desde a divulgação das denúncias, as confirmações de que o ‘Mensalão’ existiu.

Mas o que mostra de fato, a linha que cada mídia está seguindo, nas investigações da CPI, são os critérios ou filtros para selecionar que notícias são impactantes e relevantes, a ponto de se tornar uma capa de revista.

Alsina (1989) explica os modos com que as mídias hierarquizam as notícias no processo de seleção, produção e publicização. Entram nesse contexto, as ações que vão desde a valorização do fato, a sua contextualização, seleção das fontes, a distribuição do espaço e do tempo até os modos de apresentação final.

Esta situação complexa precisa ser melhor abordada nas duas mídias. Em relação ao primeiro mês, o que fica claro é que existe uma disputa para quem possui informações relevantes, inéditas, com afirmações no tempo presente, mesmo que seja clara a diferença de ângulo abordada pelas duas. Enquanto Veja trabalha incisivamente temas como a corrupção, o governo perdendo forças, o partido petista sendo visto, como partido corrupto, a Isto É trabalha uma relação de divulgação de fatos, sem mostrar se está confirmando a participação direta do governo Lula na corrupção. Isto É confirma o ‘mensalão’, mas não condena ou afirma que os petistas são os responsáveis por esse esquema, até o primeiro momento, ao contrário de Veja, que não só tematiza, como julga e dá a sua própria sentença.

A corrida pela investigação

A capa da Isto É da primeira semana de julho, traz a imagem do mapa brasileiro, totalmente coberto de lama, sendo limpo inicialmente na região nordeste, com o seguinte título: “*É a Hora da Faxina*”(06/07/05).

Como é uma capa que trabalha mais a imagem, a figuração, o que transparece em primeiro plano, através de seu título é a idéia de que o Brasil inteiro está coberto por essa lama, que seria remetida à corrupção, mas que não há culpados diretos até o momento, a não ser o fato de que o nordeste está sendo o primeiro alvo da limpeza, talvez pelo fato da maioria dos políticos investigados serem desta localização. Mas, nesse quesito, é apenas uma hipótese: o Brasil está sujo com toda essa situação apresentada.

A Revista Veja, por sua vez, percorre um caminho distinto desde o princípio das investigações, até por ser a mídia reveladora das denúncias do ‘mensalão’. Em sua primeira edição de julho, a manchete: “*O elo se fecha*”, com o texto: ‘*Documento é a peça que faltava para provar que Marcos Valério e o PT são um só, quando o assunto é dinheiro. Ele avalizou um empréstimo milionário para o partido e até pagou uma parcela*’(06/07/05). A imagem apresentada é do próprio Marcos Valério, acusado de ser o responsável pelo empréstimo aos políticos, e também a assinatura do documento que comprovaria este esquema de corrupção.

Na edição seguinte de Isto É, a manchete abordada é: “*A CPI pega fogo*”, com o texto complementar: “*Quebra de sigilos de Roberto Jefferson e da cúpula do PT radicaliza clima entre oposição e governo. Cientistas políticos apontam cenários para o fim da crise. E as denúncias não param de surgir*” (13/07/05).

O que comprova a marca da revista nesta cobertura é o modo com que construiu essa manchete, em que a imagem de diversos políticos, inclusive o relator da CPI, no meio de um círculo de fogo, que através deste título, nos traz a idéia que novos fatos estão surgindo, muitas pessoas estão envolvidas, mas que até o momento, não há culpados ou inocentes, mas sim, um círculo de suposições e intrigas, uma vez que novas denúncias surgem a cada dia.

A Revista Veja, por sua vez, segue enfatizando a crise do governo, com o título: “*Ele Sabia?*” Referindo-se à imagem de Lula, destacado na capa, com uma expressão que remete a quem está pensativo, mas, ao mesmo tempo, em dúvida, (13/07/05). A capa ainda traz uma pesquisa em que a mídia afirma que 55% dos entrevistados alegam que Lula sabia de toda a corrupção. Veja ainda traz a manchete do petista preso com 100 mil dólares na cueca, em um aeroporto.

Neste momento, a revista mostra que suas denúncias vão em direção à idéia de que o governo Lula seria corrupto, e que até que certo ponto o presidente era inocente, uma vez que a CPI estava abordando os políticos de forma singular, não o governo como um todo, mas que até o momento já havia encurralado o braço direto do presidente, José Dirceu, o tesoureiro do partido, Delúbio Soares e o presidente da sigla, José Genuíno.

As duas mídias mostram as diferentes formas de cobertura, o que vai cada vez mais se intensificando da CPI a cada edição. No próximo exemplar, Isto É indaga: “*Por que Lula ainda continua Lula?*”(20/07/05). Ainda traz um dado, em sua capa, dizendo que, apesar da crise, a popularidade de Lula aumenta, e também destaca que sua imagem está cada vez mais elevada na França. Esta edição traz uma pesquisa com resultados opostos, a última publicada pela Veja, pois enquanto uma edição alega que Lula estaria envolvido no esquema, a outra diz que sua popularidade só aumenta.

Além de mostrar na capa a imagem de uma bola de boliche com o dizer: corrupção, ela é montada com pinos que foram derrubados e que remetem a personagens da CPI e que acabaram ‘caindo’, todos com provas contra eles, no caso os petistas Dirceu, Genuíno e Delúbio, aliados a Jefferson, que os denunciou, e Marcos Valério, o responsável pelo fornecimento financeiro. Nesta capa, a imagem de Lula é representada por um pino do jogo de boliche, que está intacto e em que o presidente aparece sorridente, protegido por uma barreira. A forma com que a capa foi construída denota, de certa forma, que o presidente está, até então, isento das acusações. Por meio dessa capa, Isto É o absolve.

A Veja continua no mesmo caminho trilhado desde as investigações, desta vez, a capa afirma: “*Mensalão – Quando e Como Lula foi Alertado?*”(20/07/05). A imagem do presidente na capa, de forma sombria, como apenas um reflexo, mas que denota seu perfil traz à tona que não só o governo está envolvido na corrupção, como Lula estaria ciente de todos os problemas.

O mais intrigante é que enquanto a Isto É diz que Lula está forte e blindado, a Veja diz que ele sabia de tudo, ou seja, que possivelmente participava do esquema, o que mostra uma estratégia totalmente adversa das duas mídias, na cobertura do mesmo acontecimento.

Na última edição do mês de julho, Isto É foge um pouco da cobertura da CPI em si, e tematiza o eleitor como alvo de sua capa: “*Desilusão*” (27/07/05). O exemplar traz a imagem de um jovem cabisbaixo, enrolado na bandeira nacional, com a imagem de vários televisores a suas costas, com o perfil de diversos políticos envolvidos e mencionados na CPI, como participantes e suspeitos do esquema, inclusive o presidente Lula. Há polifonias neste contexto, pois o modo que a capa foi construída não remete só a política, mas a opinião pública, o nacionalismo, o civismo, entre outros temas.

A ênfase de Isto É neste momento não são as investigações da CPI, mas sim na reação do público ou o eleitor, que é o mais prejudicado com todo esse escândalo. A imagem de desolação e sombria reflete, juntamente com o título, a idéia de que o brasileiro está cansado de todo o esquema e sente-se derrotado pela corrupção.

Veja encerra o mês com a manchete: “*A Chantagem - 200 milhões para ficar calado*”(27/07/05), com a imagem de Valério, e sobre o Planalto da República, com a frase: “*A história secreta de como Marcos Valério Emparedou o governo ao ameaçou contar tudo*”.

Se ainda não estava clara a ‘decisão’ da Veja de que o governo petista estava envolvido diretamente no escândalo, o dizer de que Valério ‘chantageou’ o governo para não falar tudo, implica em afirmar que há mais coisas além das já divulgadas.

O caráter investigativo da Veja, nesta cobertura específica da CPI, rende, a cada edição, o surgimento de uma nova informação que confirma o esquema de corrupção, mas também a criação de personagens, como Marcos Valério, que se torna o “Homem da Mala-Preta” por assim dizer, o responsável pelos milhões supostamente desviados na compra de votos no senado.

Em relação à forma de agendamento das duas mídias no processo de investigação da CPI, conforme as teorias de Traquina (2005), a forma de agendar esse espaço, direcionado a opinião pública que é diversificado. A Veja que é a denunciadora do esquema já elegeu um culpado, o governo petista, enquanto a Isto É trabalha a corrupção, CPI e o povo desiludido, como acontecimentos atuais, sem personagens bombásticos ou responsáveis pela crise, de forma indireta.

A Sentença da CPI pelas duas mídias

“*O drama dos inocentes - como vivem os filhos daqueles que viram alvo das CPIs*”(03/08/05) é a capa da Isto É na abertura do mês de agosto, em que traz a lágrima de uma criança sobre a confusão da CPI.

Ela enfatiza, nesta capa, que para além da corrupção, há inocentes sofrendo com todo esse problema, fazendo de certa forma, um apelo para o público, sobre as dificuldades de quem vive o dilema diretamente.

Em contraponto, a Veja volta a trazer o personagem Dirceu com o título: “*O Risco Dirceu - Os recados ameaçadores que ele manda ao governo; seu secretário particular foi autorizado a sacar dinheiro de uma conta de Valério*”(03/08/05).

O caráter investigativo somado à afirmação de que Dirceu estaria ameaçando o governo, após a sua cassação e acusação de envolvimento no ‘mensalão’, está relacionado à estratégia de investigar o governo. É o marco desta etapa desde a denúncia.

Tanto que na edição posterior o título é contundente: “*Lulla – Sem ação diante do escândalo que devorou seu partido e paralisou seu governo, Lula está em situação que já lembra a agonia de Collor*” (10/08/05). A cor escura, a imagem de Lula cabisbaixo por si só, já seria uma atenuante de que ele estaria abalado, mas a escrita de seu nome, lembrando o ex-presidente Collor, que sofrera o impeachment em 1992, já mostra que a investigação da Veja é mais profunda e possui um tom mais agravante: o presidente Lula estaria ameaçado de ser derrubado devido a crise.

A Isto É sentencia as conseqüências do escândalo, como uma dúvida a sucessão presidencial em 2006 através da manchete: “*A crise antecipa a sucessão – Mas só com uma reforma o Brasil poderá se livrar da lama*” (10/08/05).

A capa ainda traz os títulos referentes a candidatura de Garotinho e Rigotto, a possível concorrência de Serra, mas a afirmação de Lula que será reeleito. Neste momento, como resultado de toda corrupção, o questionamento da Isto É, são os nomes que surgiram para concorrer à presidência da república nas próximas eleições.

A Isto É se despede do tema CPI, na penúltima edição de agosto com o título: “*Lula Ganha Tempo*”(17/08/05). Neste momento, Isto É conclui que é necessária uma reforma no governo, que a sucessão será acirrada em sua disputa, mas não elege culpados ou dá veredictos sobre a CPI, apenas afirma que o ‘mensalão’ e a corrupção existiram.

A Veja segue com a tese de que Lula está ameaçado: “*A Luta de Lula contra o Impeachment – A defesa do presidente na televisão não convence e ele perde a chance de explicar o escândalo*”(17/08/05).

Enquanto a Isto É traz afirmações do próprio presidente de que ele vai se reeleger, a Veja faz um comparativo ao período Collor e afirma que o risco de impeachment é forte, colocando em dúvida o governo petista.

Em uma comparação de personagens, Marcos Valério seria o novo PC Farias do período Collor, e Lula seria um dos responsáveis pela corrupção. A sentença da Veja se torna mais agressiva e também mais incisiva.



A Veja ainda segue o tema da CPI por alguns meses, porém Istoé retira-se da cobertura do tema, mostrando que não só a cobertura do tema é diferente, mas também a sua relevância perante as mídias.

Conclusão

De forma resumida, analisar um comparativo entre as duas revistas na cobertura de um evento, apesar de sua complexidade, gera uma série de observações sobre a pragmática no jornalismo e diversas reflexões sobre as teorias de estudo interligadas ao jornalismo e ao campo da comunicação midiática.

Sintetizando, não existe de fato jornalismo imparcial, como um mero espelho da sociedade. Só entre a seleção de temas e os processos de hierarquização do que é prioritário para a mídia, filtros do que é relevante, já torna o jornalismo um processo complexo de produção da realidade.

Por exemplo, na cobertura da CPI, as duas revistas confirmam a existência do ‘mensalão’, porém, a ‘Veja’ não só assume o papel de ser meio investigativo, como nomeia e sentencia os participantes, antes mesmo do relatório final do caso. Já Isto É tematiza a CPI de modo que não compromete sua posição de forma aberta, escancarada, uma vez que ela não elege culpados, mas sim, levanta questões sobre o problema da corrupção, de forma geral e um tanto aleatória.

Cada mídia constrói a sua versão do fato e o modo com que o fazem mostra que a forma de construção dos fatos é singular e complexa, passando por uma série de elementos e processos.

A produção de sentidos da notícia e os critérios de noticiabilidade se concretizam através da linha editorial de cada empresa, ou seja, cada mídia agenda um tema de uma forma singular, gerando novos fatos paralelos e novos temas derivados do mesmo caso.

Neste caso específico da CPI, Isto É não condena o governo Lula, mas apenas antecipa a briga pela disputa presidencial nas próximas eleições, enquanto Veja não só acusa e julga o governo, como, por diversas vezes, levanta a hipótese de impeachment do presidente.

É a confirmação que apesar de a CPI ser uma só, a sua cobertura depende da forma como é analisada e construída para o público, como toda a pragmática e a complexidade do jornalismo.

A pesquisa poderá servir como alento a outros pesquisadores que se interessam pelo tema, que possam desmembrar outros pontos, que talvez não foram esclarecidos nesta pesquisa.

A opção de não trabalhar diretamente com as imagens, de forma aprofundada, pela intenção de priorizar o discurso verbal, o que permite um trabalho futuro mais

específico sobre o tema que possa envolver de forma mais abrangente, a capa como um todo, desde o texto, o título, a arte final.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALSINA, Miguel Rodrigo. La Construcion de la noticia. Barcelona: Paidos, 1989.
- TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.
- Fausto NETO, Antônio. Lula presidente: televisão e política na campanha eleitoral, São Paulo, SP : Hacker , 2003.
- VERON, Eliseo. Esquema para el análisis de la mediatización. In Revista Diálogos de la Comunicación, n.48, Lima: Felafacs,1997b.
- SAMPAIO, Hugo Assunção, Candidatos privilegiados: como os jornais elegem os principais concorrentes em uma eleição. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt> Consultado em 11 de setembro de 2006 .
- BEZERRA, Adea Kesea Guedes, Mídia e Eleições 2002: uma análise da atuação da política no meio televisivo. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt> Consultado em 11 de setembro de 2006 .
- CERVI, Emerson Urizzi, A cobertura de imprensa e as eleições de 2002. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt> Consultado em 11 de setembro de 2006 .
- PAIVA, Raquel, Ética Cidadania e Imprensa. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.
- PINTO, Milton José, Comunicação e Discurso. São Paulo, SP: Hacker, 1999.
- MOULLAUD, Maurice, O Jornal Da forma ao sentido. Brasília, DF, UnB, 2002.

Anexo das Capas de Veja e Isto É

--	--	--	--	--	--

--	--	--	--	--	--



17/08/05	24/08/05	31/08/05	07/09/05	14/09/05	21/09/05

25/05/05	01/06/05	08/06/05	15/06/05	22/06/05	29/06/05

06/07/05	13/07/05	20/07/05	27/07/05	03/08/05	10/08/05

17/08/05	24/08/05	31/08/05	07/09/05	14/09/05	21/09/05